

Dívida brasileira reduz lucro do Citicorp

Nova Iorque — O lucro líquido do Citicorp, primeiro grupo bancário dos Estados Unidos, teve uma queda brutal de 37,21 por cento no segundo trimestre de 1990, devido principalmente ao não pagamento dos juros devidos à constituição pela Argentina e pelo Brasil. De acordo com um comunicado divulgado ontem, o lucro líquido do Citicorp nos meses de abril, maio e junho deste ano, chegou a 248 milhões de dólares, contra os 395 milhões registrados em igual período de 1989.

Durante todo o primeiro semestre deste ano, a Carteira de Credores Estrangeiros continuou sendo um fator negativo para os resultados do Citicorp, devido aos juros não pagos pela Argentina e pelo Brasil, correspondentes à dívida a médio e a longo prazo, destacou o comunicado do grupo bancário.

Na quarta-feira da semana passada, o organismo regulador dos bancos norte-americanos havia ordenado passar para o ver-

melho 20 por cento dos empréstimos concedidos à Argentina e ao Brasil, o que afetará particularmente o Citicorp, principal credor desses dois países com 570 e 3 bilhões e 400 milhões de dólares respectivamente.

Desta forma, nos próximos meses o Citicorp se verá obrigado a efetuar saques para cobrir essas eventuais perdas, o que voltará a afetar consideravelmente os lucros do grupo nos demais meses do ano. Em troca, o comunicado do Citicorp revelou que a Carteira de Clientes Estrangeiros havia melhorado substancialmente a partir dos acordos financeiros feitos recentemente com o México, as Filipinas e a Venezuela.

Ao mesmo tempo, o Citicorp destacou que na Argentina haviam sido aprovadas (mas ainda sem concretizar) duas importantes operações de reconversão da dívida por um valor aproximado de 500 milhões de dólares, e que o programa de privatização do presidente Carlos Menem estava se tornando uma realidade.

O comunicado também assinou que o programa antiinflacionário do presidente Fernando Collor começa a se afirmar, sendo provável que o Brasil resolva reconsiderar sua política para o tratamento da dívida externa internacional ainda durante este ano.

De acordo com declarações feitas no mês de maio deste ano em Nova Iorque pela ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, o Brasil reiniciará em setembro próximo as negociações com o Fundo Monetário Internacional e os bancos comerciais para reprogramar o pagamento dos juros da dívida externa brasileira, a maior do Terceiro Mundo: cerca de 115 bilhões de dólares.

Finalmente, o comunicado informou que haviam melhorado os investimentos globais, devido em parte aos bons resultados obtidos com as cartas de crédito, com o sistema de agências de Nova Iorque, e com os negócios efetuados na América Latina e Ásia.